

A PRODUÇÃO TEXTUAL DE TRABALHADORES DO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

José Enildo Elias Bezerra (FOCCA)
enildoelias@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete a importância da observação da prática da produção textual de pessoas adultas em aulas de Português Instrumental. Os objetivos que estarão expostos ao longo desta pesquisa estão direcionados a tentativa de criar novos caminhos para a construção de textos escritos de forma objetiva, tomando como base as experiências em textos escritos por cada aluno durante sua permanência em sala de aula.

Ao destacar o aprendizado de pessoas adultas é necessário que o professor de Língua portuguesa saiba o que realmente o aprendiz adulto precisa saber, levando em consideração a importância e a relevância de cada assunto que é debatido em sala de aula, até mesmo porque as estruturas dos livros didáticos aqui não foram levadas em conta, pois o que estava definido pelo programa da instituição de ensino responsável em oferecer um curso de atualização em Língua Portuguesa de 32h, era criar condições em que ao término do curso o aluno tivesse a competência de escrever documentos oficiais com coesão e coerência.

O professor deveria criar condições para que cada aluno pudesse escrever documentos oficiais, tais como: ofícios, recibos, relatórios, requerimentos e etc.

As turmas aqui analisadas estarão divididas em três grupos de pessoas adultas, cada uma com indivíduos de escolaridades diferentes, desafio este que levou o professor a construir estratégias de ensino diversificadas.

A dificuldade maior nos casos de diferentes graus de escolarização de alunos em uma mesma turma é estabelecer critérios para o ensino de produção textual, embora que os documentos oficiais tenham uma estrutura própria, esse fator não é suficiente para determi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

nar que toda uma turma tenha o mesmo desempenho na construção desses textos que em sua maioria tem uma fácil construção.

No caso das turmas dos funcionários públicos federais aqui analisados existiam pessoas na mesma turma que a mais de 40 anos não frequentava o espaço escolar e outros com cursos de Pós-graduação.

O desnivelamento de grau de instrução foi um dos desafios enfrentado tanto pelo professor como da coordenação do curso, que estabelecia apenas 32h aula para desenvolver competência escrita de documentos oficiais.

Nestas observações de turmas com diferente grau de instrução foi levado em conta que os adultos são em geral autodirecionados, ou seja, querem ser capazes de se autodirigir, eles trazem uma variedade de conceitos já formados sobre a vida que representam as bases para aprendizagem mais eficaz, porque trazem experiências de vida que os ajudam a desafiar novos paradigmas e estes se revelam por meio das opiniões em textos orais como também nos primeiros textos escritos nas aulas de língua materna.

A tentativa de criar textos escritos conscientes é um grande desafio, tanto para os alunos como para o professor, isto porque nem sempre em turmas com grandes desníveis de escolaridade o profissional que trabalha com língua portuguesa sabe por onde iniciar as atividades de produção textual.

Os alunos que frequentam as turmas de atualização em Língua Portuguesa em geral estão prontos a aprender coisas mais relevantes para sua empregabilidade ou para suas vidas pessoais. As turmas aqui estudadas não foram diferentes; eles queriam de imediato que os objetivos fossem definidos claramente e atingido em 32h.

Criar condições para que todos os alunos desenvolvessem competências em textos escritos que os ajudaria a melhorar a condição social dentro dos setores que estavam afastados por mais de 18 anos das funções burocráticas, foi para o professor um desafio, pois um dos passos para esse processo é desvincular o aluno da dependência do professor, em geral, esses adultos estão dispostos a produzir textos a partir de temas, eles muitas vezes vieram da escola tradi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cional onde o tema tem uma relevância maior e os assuntos discutidos entre eles em sala não são levados em conta.

Os assuntos debatidos nas aulas de Português Instrumental tiveram uma maior relevância, os alunos aprendiam a usar os recursos da linguagem, especialmente pela experiência dos assuntos descritos pelos outros colegas de classe, nestes casos, é necessário que os relacionamentos que a princípio são criados através de textos orais, levem esses indivíduos a produzirem textos escritos mais conscientes.

Os debates de assuntos sobre o cotidiano ajudou ao professor a criar uma condição de interação em cada grupo, este processo mantinha um clima de amizade e de compreensão entre aqueles que acompanhavam com mais dificuldades as atividades propostas pelo programa do curso, mas por outro lado construía-se uma maior segurança entre os alunos em produzir pequenos textos, principalmente entre aqueles que tinham maior dificuldade em escrever poucas palavras.

A princípio os textos escritos eram produzidos com poucas linhas, os adultos eram levados a escrever de forma livre, escolhiam os assuntos que sempre estavam relacionados às experiências de vida de cada um, isso os ajudava a criarem textos escritos de forma mais coerente.

Nos primeiros momentos o processo de deixar que cada um produzisse textos de forma livre fazia com que esses indivíduos planejassem seu próprio texto e avaliasse junto ao professor quais as deficiências que existiam em momentos diferentes de produção dentro e fora do espaço escolar.

Nesse processo de aprendizagem os alunos iniciavam os textos, em geral, com uma relação muito próxima aos atuais problemas pessoais, interesse e nível de experiências de vida e em muitos casos os textos escritos passaram a ser verdadeiros contos da própria vida.

Ao estudarem o significado da coerência e coesão textual, os alunos passaram a reescrever os textos considerados como verdadeiros relatos de experiência de vida, esta foi uma forma de buscar na reescrita uma condição de ser entendido através dos textos escritos por eles.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

As primeiras produções textuais dessas turmas eram colocadas problemas associados com a implementação de ação individual e coletiva; reconhecendo ou relacionando até mesmo a questões de ordem pública, ligada ao cotidiano desses funcionários.

Segundo as Referências Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba – (RCEM, 2006, p.146).

O ensino de produção textual escrita não pode ser abordado como um procedimento mecânico, único e global, válido para qualquer texto, mas como aprendizagem específica de variados gêneros textual, que se organiza, de forma diversificada, em sequências textuais (narrativas, descritivas, dialogais, explicativas, argumentativas). Com efeito, há necessidade de que o educando tome consciência das situações particulares de comunicação escrita.

As atividades escritas dos alunos das três turmas foram elaboradas buscando desenvolver competências na produção textual de forma bem diversificada, o professor descreveu os tipos textuais e definiu alguns gêneros, mas não orientou os alunos a escrever texto que prevalecesse um tipo ou gênero. Eles escreviam o que mais estava próximo da realidade de pensamento de cada um.

Ao ler os textos dos colegas eles conseguiam, na maioria das vezes, descobrir a que gênero ou tipo pertencia cada texto.

Com objetivo dos alunos criarem os próprios textos, surgiram os mais variados estilos, com: solicitação para vagas de emprego, textos destinados a colegas de classe, amigos de trabalho, destinados a chefes de repartições públicas, propagandas criadas pelo próprio aluno etc.

O objetivo maior de um trabalho inicial se fez necessário para que o educando entrasse em contato com exemplares de textos representativos dos gêneros enfocados pelo professor e pudesse perceber, analisar e avaliar diferentes formas de apresentar informações no texto escrito, visando ao desenvolvimento e aprimoramento de sua própria forma de articular ideias. Tanto no processo de familiarização quanto o processo de produção textual escrita. As atividades eram realizadas por meio de pequenas oficinas de produção nas aulas iniciais do curso de Português Instrumental.

O importante nessas produções escritas foi considerar a linguagem como mediadora das aprendizagens, fator de socialização,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

de construção e de constituição dos vínculos sociais, e dar oportunidade ao sujeito de viver situações de interação e delas se apropriarem e se sentir como cidadão autônomo, responsável, crítico, desafiante, desejoso, estético e ético, que constrói sua história e identidade cultural na relação com o outro.

A valorização da escrita pelo professor é fator primordial para que cada aluno procure aprender buscando objetivos mais claros para suas produções, não é apenas produzir textos por mera obrigação, mas construir ideias conscientes daquilo que se escreve.

Segundo (Ramos, 1996, p. 25)

Iniciar textos falados é iniciar através de um medium sobre o qual o aluno tem mais domínio. Seriam minimizadas, desse modo, as dificuldades de decodificação da escrita no momento da leitura (oral ou silenciosa). O chamado analfabeto funcional poderá participar das atividades e ter sucesso, o que contribuirá para inseri-lo no mundo daqueles que dominam a escrita.

Analisando as palavras de Ramos (1997) destaca-se que a intenção de desenvolver atividades que envolviam a linguagem oral foi importante para estabelecer um vínculo entre a linguagem oral e escrita, isto porque ao passar do tempo os alunos foram entendendo que na organização nos discursos falados trariam uma organização nas ideias que seriam escritas posteriormente por eles.

Nas três turmas de Português Instrumental, o curso que foi direcionado para pessoas adultas buscou reduzir a distância entre o estudante e a construção de textos escritos que muitas vezes nas aulas de língua materna os professores procuraram induzir os indivíduos a escreverem temas que eles os desconhecem.

No curso de Português instrumental houve momentos em que o professor tentou amenizar as experiências de aprendizagem de leitura e de produção de textos em que muitas vezes tornam-se mecânicas, ou seja, os alunos escreviam seus textos, mas não sabiam com que objetivos os produziam. A intenção era ajudá-los a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vistas, assimilar e criticar as coisas do mundo em que cada um vivia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A Primeira Turma

Composta por 22 alunos, funcionários públicos federais, recém engajados as atividades burocráticas, da quais estiveram afastados durante mais 18 anos, a história deles se mistura a tantos problemas políticos ocasionados no governo do ex-presidente Fernando Collor, onde durante esse governo foram destituídos inúmeros trabalhadores públicos de suas funções.

Esses trabalhadores só retornaram as atividades depois de um luta na Justiça Federal. E para recompensar o tempo que estiveram afastados, o Governo Federal atual, ao dar o direito de retorno as funções exercidas anteriormente por cada um, estabeleceu que esses funcionários públicos tivessem a oportunidade de voltar a estudar várias disciplinas para um melhor aperfeiçoamento futuro, a língua portuguesa fazia parte desse processo de atualização.

A primeira turma apesar de ter vinte componentes, apenas cinco alunos tinham curso superior, dois com o ensino médio completo e treze com apenas o ensino fundamental incompleto. Uma turma que se pode denominar no ensino regular de multisseriada e, este é o grande desafio, nivelar os alunos a ponto de criar competências linguísticas para escrever textos coesos e coerentes em pouco tempo (32h).

Não houve resistência por parte dos alunos na construção de textos escritos a partir das experiências individuais, mas o professor observou que as construções textuais estavam sempre ligadas ao afastamento do trabalho desses alunos, os mesmo expressavam inconformidades por estarem afastados de suas funções e naquele momento surgiram as indagações sobre quais os objetivos de aprender a produzir textos oficiais.

O que se levou em consideração nos encontros com os alunos foi mostrar que não se tratava de abandonar o ensino dos conteúdos relativos aos padrões da escrita, mas de privilegiar um ensino reflexivo, que permite compreender o funcionamento da língua como instrumento de expressão e não apenas como memorização de regras, muitas vezes anacrônicas.

A própria elaboração de textos escritos pelos alunos, onde eles relatavam suas experiências por meio da produção de textos li-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

vres, fazia com que esses adultos refletissem no que queriam dizer, levando aos colegas de classe que liam os textos uns dos outros uma melhor comunicação por meio dos textos escritos.

Deixar os alunos a descrever suas experiências através de textos falados e posteriormente deixando-os que registrassem em pequenos textos escritos, fez com que a princípio eles desconstruíssem a ideia de que só a informação não é suficiente para aprender, que dizer a informação não leva ao indivíduo a ter suas próprias experiências, pois segundo (Larossa, 2004, p. 154) “a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, é quase contrária da experiência, quase uma anti-experiência”.

Essa primeira turma, muitos alunos buscavam apenas informações, como se isso trouxesse a eles um concreto aprendizado da linguagem escrita e falada, mas analisando as palavras de Larossa (2008), ele destaca que buscamos construir um sujeito informado e informante através de textos escrito, é válido, mas é importante refletir que o sujeito da informação sabe muitas coisas, passa o tempo buscando informação, o que mais lhe preocupa é ter bastante informação, cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber, mas não no sentido de sabedoria, mas no sentido de estar informado, o que consegue é que nada lhe aconteça.

Os assuntos discutidos em sala de aula foram relevantes porque esses adultos passaram a observar que não é importante só a informação, pois mesmo tendo lido textos, produzido textos, debatidos assuntos, o mais relevantes entre a experiência de descrever situações é aplicá-las ao cotidiano. Esse processo de conscientização levou a primeira turma a escrever textos a partir de suas experiências levando-os a dar uma melhor importância a produção escrita mais coerente.

A segunda turma

O segundo grupo de alunos era formado por 19 alunos, sendo um com curso superior, cinco com ensino médio e treze com ensino fundamental incompleto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

O grau de dificuldade dos alunos se concentrava mais na questão escrita, três alunas eram semialfabetizadas, isso trouxe a princípio uma grande dificuldade de compreensão tanto de leitura como da produção de pequenos textos, técnica essa aplicada pelo professor na primeira turma, esses alunos sentiram-se impossibilitados de acompanhar as atividades por não compreenderem a necessidade de estudar os assuntos do programa do curso.

Com um grau maior de dificuldades encontrado nesta turma, a expectativa para uma melhor compreensão em produzir pequenos textos que tivessem a ver com o cotidiano dos alunos partiu sempre do princípio que, o mais importante era escrever textos coesos e coerentes, assim a possibilidade de se construir novos textos pelos os alunos que tinham maiores problema na escrita foram solucionados, eles passaram a escrever textos com mais frequência e procuraram ser mais objetivos no que queriam dizer.

Para o professor a melhor condição de produção textual nesta segunda turma foi que o educando entrasse em contato com exemplares de textos representativos dos gêneros enfocados para que pudessem perceber e analisar diferentes formas de apresentar informações no texto escrito, visando o desenvolvimento e aprimoramento de sua própria forma de articular as ideias, tanto no processo de familiarização quanto no processo de produção textual escrita onde foram realizadas através de oficinas de produção textual e, estas foram as atividades elaboradas durante o período das 32 h de cada turma.

As oficinas, por sua vez, foram importantes neste trabalho, pois eram organizadas de forma que garantiam momentos de exposição à diversidade textual, leitura e análise de textos produzidos em diferentes condições da escrita. Nelas eram enfocados assuntos do cotidiano, com isso, os alunos buscavam descrever de forma mais objetiva aquilo que queriam dizer uns aos outros, levando a uma simulação da realidade em que viviam.

Este trabalho facilitou a construção de textos de documentos oficiais porque houve momentos que os próprios alunos descobriram que dentro da linguagem formal há um padrão da língua que os remetiam a escrever de forma mais estruturada e que os pequenos textos produzidos em sala, em dado momento, os ajudaram a escrever os documentos oficiais de forma mais clara e objetiva.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Terceira turma

Formada por 20 alunos, sendo treze com Ensino Fundamental, cinco do Ensino Médio e dois com Ensino Superior. Existiam alunos que a mais de 18 anos estavam ligados aos trabalhos burocráticos, eles tinham a prática, mas não conheciam as técnicas de como produzir um texto de forma mais estruturada, como é o caso dos textos oficiais.

Muitos alunos escreviam com frequência documentos, por esse motivo não foi difícil desenvolver habilidades escritas a partir dos textos propostos pelo programa, diferentemente do que havia trabalhado em outras turmas, o professor procurou desenvolver atividades de reflexão no que era dito e escrito nos documentos que a turma escrevia tais como: o que queriam dizer em seus textos, quais os objetivos do texto produzido, para quem escreviam e o que queriam alcançar com aquelas produções escritas.

Nestas situações de turmas de adultos relatadas aqui, é preciso que o professor tenha clareza sobre o que faz sentido no ensino de texto escrito, de modo a não se perder em atividades pouco eficazes como, por exemplo, foco excessivo na forma em detrimento de ideias coerentes, geralmente essas condições de aprendizagem fazem o educando se calar em sala de aula. As correções formais precoces comprometem o processo de pensamento e associação de ideias. As correções devem e podem estar presentes, mas depois que o educando descobre o que tem e o que quer dizer sobre um dado tema e não no momento de formulação, associação, organização de ideias e produção de sentido.

Nesta terceira e última turma analisada, o professor passou a criar oficinas de elaboração de produção de textos formais escritos pelos alunos em cada setor em que eles trabalhavam as discussões sempre foram direcionadas a partir do trabalho inicial do professor que indagava o objetivo, público alvo, vocabulário e quais as estruturas ideais para cada documento.

Os alunos passaram a assumir o papel de protagonistas e começaram, em grupo, a planejar a elaboração de textos oficiais buscando abrir uma nova discussão sobre as possibilidades de minimizar as dificuldades e como eles estavam lidando com elas, ou, ainda,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

como incluir alguma informação, tanto na linguagem verbal como escrita, buscando assim, conhecer novos termos tanto escrito como falado. Ao término das aulas de cada turma, o professor percebeu que eles passaram a ter muito mais preocupação em produzir os textos, porque reconheceram que toda produção, tanto escrita como falada tem suas próprias características e que no texto escrito deve existir uma maior preocupação não só na estrutura, mas na percepção de que quem escreve o faz para um receptor, que deve ser levado em conta nesse processo de interação entre emissor x receptor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar a prática de linguagem escrita em turmas de pessoas adultas é importante refletir sobre a importância de começar o estudo a partir da linguagem verbal, ampliando assim os conhecimentos desenvolvidos através da fala e partindo para produção de textos escritos, esse processo de produção se deu em muitos casos através de escuta e de produção de textos falados, como o desenvolvimento da modalidade escrita, posteriormente, essa prática envolveu os alunos a produção de textos escritos mais conscientes. além dessa dimensão, mas voltada para as práticas sociais de uso da linguagem, que envolve também uma reflexão acerca de seu funcionamento, isto é, dos recursos estilísticos que mobiliza e dos efeitos de sentido que produz um trabalho com a escrita de textos completamente estruturados, como é o caso dos textos oficiais. As oficinas serviram para que os alunos participassem de um mundo que fala, escuta, lê, escreve e discute os usos desses atos de comunicação. Para compreendê-lo melhor, é necessário ampliar competências e habilidades envolvidas no uso da palavra, isto é, dominar o discurso nas diversas situações comunicativas, para assim, entender a lógica de organização que rege a sociedade, bem como interpretar as sutilezas de seu funcionamento, o trabalho com a oralidade e a escrita anima a vontade de explicar, criticar e contemplar a realidade, pois as palavras são instrumentos essenciais para a compreensão de textos falados e escritos, daí a importância de um curso de Português Instrumental que permita ao aluno a ter uma experiência ativa na elaboração de textos, um curso que discuta o papel da linguagem escrita, tanto no plano do conteúdo como no plano da leitura e interpretação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS

LAROSSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMOS, Jânia. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.